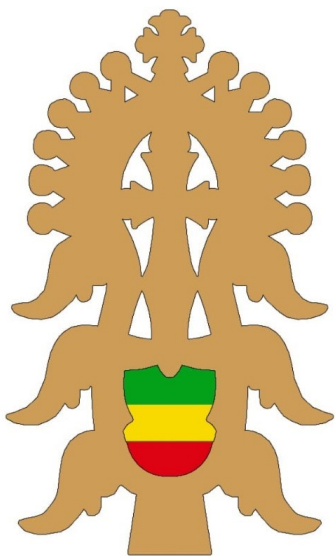




የኢትዮጵያ ኦርቶዶክስ ተዋሕዶ ቤተ ክርስቲያን ሃይማኖትና ሥርዓት

The Ethiopian Orthodox Tewahedo Church Faith and Order

The Sixth Sunday of Zemene Tsom (*The Season of Lent*)

Liturgical Readings:

2 Tim. 2:1 – 16; 1 Pet. 5: 1- 12; Acts 1: 6 -9

Psalm 39:8;

Mat. 25:14—31

The Anaphora of Saint Basil

«Quem é o bom servo?» (Gebre Hare)

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, um só Deus. Amém.

Amados irmãos e irmãs em Cristo, neste dia bendito que nosso santo pai, São Yared, chamou de «Quem é o bom servo?», estamos reunidos para ouvir, com coração reverente e tremendo, as palavras do nosso Senhor Jesus Cristo, conforme estão registradas no Evangelho segundo São Mateus, capítulo vinte e cinco, versículos quatorze a trinta e um. Esta parábola não é proclamada apenas para instruir nossa mente, mas para julgar nossa consciência, despertar nossas almas e nos preparar para a gloriosa vinda do Senhor.

Nosso Senhor fala de um homem que, antes de viajar para uma terra distante, confiou os seus bens aos seus servos. A um deu cinco talentos, a outro dois, e ao terceiro apenas um, a cada um segundo a sua capacidade. Aqui contemplamos, primeiramente, a generosidade e a sabedoria do Mestre. Ele não retém suas riquezas e não impõe fardo além do que é suportável. Segundo o ensinamento da Igreja Ortodoxa Etíope, esses talentos representam os múltiplos dons de Deus: a fé, a graça, o conhecimento, a força, o tempo, a autoridade espiritual e toda oportunidade concedida para a salvação e o serviço. Como lembra o santo Paulo a Timóteo: «Fortalece-te na graça que está em Cristo Jesus... suporta os sofrimentos como um bom soldado de Cristo Jesus» (2 Timóteo 2,1–3). A graça é dada livremente, mas é confiada, não destinada a ser enterrada.

O primeiro servo, que recebeu cinco talentos, partiu imediatamente e os fez render. Trabalhou diligentemente, sem murmurar, e ganhou mais cinco. Da mesma forma, o segundo, com dois talentos, dobrou o que lhe fora confiado. Estes servos revelam o caráter do bom servo, o *Gebre Hare*: fiel, vigilante, corajoso e obediente. Eles não se compararam entre si, mas mediram-se pela vontade de seu Mestre. Neles vemos o espírito dos apóstolos que, após a Ascensão do nosso Senhor — como lemos nos Atos dos Apóstolos (At 1,6–9) — não permaneceram contemplando o céu, mas saíram para testemunhar, confiantes na promessa do Espírito Santo. A fé deles era ativa, a espera deles frutífera.

O terceiro servo, porém, recebeu um talento, afastou-se, cavou um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. Não o perdeu, mas também não o fez render. Exteriormente parecia prudente; interiormente era sem fé. Seu caráter se revela não pelo que fez, mas pelo que temia. Via seu senhor como severo, aquele que colhe onde não semeou e recolhe onde não espalhou semente. Este servo não representa humildade, mas acusação; não obediência, mas autojustificação. Na compreensão da Igreja Ortodoxa Etíope, simboliza aqueles que recebem a fé, são batizados e contados entre a casa de Deus, mas recusam o combate da penitência, o trabalho do amor e a responsabilidade do ministério.

Quando o senhor retornou, depois de muito tempo, prestaram contas. Aos dois primeiros, falou as mesmas palavras, apesar da diferença no número de talentos: «Muito bem, bom e fiel servo; foste fiel no pouco, sobre o muito te porei. Entra na alegria do teu senhor.» Isto nos ensina que Deus não julga pela quantidade, mas pela fidelidade. Assim, o santo Pedro exorta os pastores da Igreja: «Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, não por constrangimento, mas de boa vontade... não por ganância desonesta, mas com dedicação» (1 Pedro 5,1–2). A fidelidade na pequena obediência conduz à maior comunhão no Reino de Deus.

Ao terceiro servo, contudo, o senhor respondeu com justo juízo: «Servo mau e preguiçoso.» Suas próprias palavras se tornaram sua condenação. Alegava temer o senhor, mas esse medo não produziu reverência, nem trabalho, nem fruto. Mesmo o ato mínimo — colocar o talento com os banqueiros — recusou-se a realizar. Assim, o talento lhe foi tirado e dado àquele que tinha dez, e ele foi lançado nas trevas exteriores. Isto não é crueldade, mas justiça. Como ensinam os nossos santos Padres, a graça não utilizada murcha, e a fé negligenciada torna-se juízo.

Os três servos representam, portanto, todos aqueles a quem são confiados os dons de Deus. Podem ser bispos, sacerdotes, diáconos, monges ou leigos fiéis; governantes ou súditos; sábios ou simples. A diferença não está no que é dado, mas em como é usado. Esta parábola harmoniza-se com o ensinamento de nosso Senhor no capítulo doze do Evangelho segundo Lucas, onde fala de servos que aguardam o retorno do seu senhor, com as lâmpadas acesas e os lombos cingidos. «A quem muito foi dado, muito será exigido.» Vigilância, responsabilidade e prontidão unem estes dois ensinamentos. O servo fiel não é ocioso na espera nem temeroso no serviço, mas esperançoso e diligente.

Amados, a pergunta que São Yared nos coloca hoje não é teórica: quem é o bom servo? A resposta não se encontra apenas nas Escrituras, mas em nossas vidas. O bom servo é aquele que recebe a graça com gratidão, trabalha com humildade, suporta as dificuldades com paciência e aguarda o Senhor com alegria. Ele não enterra sua fé no solo do medo, nem se desculpa com falsa humildade. Ele sabe que o Mestre, que subiu aos céus, certamente voltará em glória, e que Seu juízo é justo e Sua recompensa eterna.

Que possamos ser contados entre aqueles que ouvirão as palavras benditas: «Muito bem, bom e fiel servo.» Que o Senhor nos conceda a graça de multiplicar o que recebemos, para a glória do Seu Nome e para a salvação de nossas almas.

Glória a Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.